

REFLEXÃO EM TORNO DA POLISSEMIA DOS NOMES ABSTRATOS

Lúcia Helena Peyroton da Rocha¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir em torno da polissemia dos nomes abstratos. Dessa forma, discute tanto a proposição de Rainer (1996) quanto a dos autores abordados em seu estudo. Rainer tem como ponto de partida a tradição retórica sobre os nomes abstratos e concretos e o aspecto polissêmico que os envolve. Busca defender a « quase-universalidade » da concretização dos abstratos e entende que esse fenômeno necessita de uma explicação. Para tanto, recorre à pesquisa desenvolvida por Bahder (1880) que parte da hipótese de que o declínio da produtividade de um afixo e o obscurecimento da relação entre base e afixo favoreceriam a concretização dos abstratos formados com a ajuda desse afixo (cf. também Gamillscheg, 1921, 1924 e Meyer-Lubke, 1921). **Palavras-chave:** *Polissemia; nomes abstratos e nomes concretos; concretização de nomes abstratos.*

RÉSUMÉ

Cet article a pour but d'étudier la polissémie des noms abstraits. Ainsi, on discute la proposition de Rainer (1996) aussi que celle des auteurs abordés dans son étude. Rainer part de la tradition réthorique des noms abstraits et concrets et de l'aspect polissémique qui les entoure. Il cherche à poser la "quasi-universalité" de la concrétisation des noms abstraits et comprend que ce phénomène a besoin d'une explication. Pour autant, il recourt à la recherche développée par Bahder (1880), qui part de l'hypothèse que le déclin d'un afixe et l'obscurcissement de la relation entre la base

¹ Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

et l'afixe favorisent la concrétisation des noms abstraits formés à l'aide de cet afixe (cf aussi Gamillscheg, 1921, 1924 et Meyer-Lubke, 1921).

Mots-clé: *Polysémie, noms abstraits et noms concrets; concrétisation des noms abstraits.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar a reflexão de Rainer (1996) sobre a polissemia dos nomes abstratos. Rainer (1996, p. 117), citando Thornton (1987), assegura que o problema da polissemia dos nomes abstratos foi negligenciada pelos gramáticos até o século XIX, sendo, portanto, o apanágio dos retóricos, que forneceram dela uma primeira classificação (cf. p.ex., Fontanier 1821-1827). Esse também era o quadro de referências dos primeiros semanticistas científicos, como se sabe: assim o 3º capítulo da *Vie des mots (Vida das palavras)* de Darmesteter, que considerava todas as passagens do abstrato ao concreto como metonímias, é intitulado significativamente “Mudanças de sentidos, ou Tropos”.

Segundo Rainer (1996),

Esse emprego das categorias da retórica na semântica foi logo criticado como sendo pouco explicativo (cf., p. ex., Morgenroth, 1893) para tornar-se cada vez mais raro no fim do século. Essa crítica, renovada por Ruwet (1975), era certamente justificada, mas pode-se perguntar se ensaios recentes para estabelecer o conceito de metonímia com um fundamento teórico mais sólido, como os de Nunberg (1978) ou de Bonhomme (1987), não poderiam dar um novo interesse a esse termo vernáculo. Infelizmente, tanto um como outro são pouco prolixos sobre o tipo de metonímia que nos ocupa (p. 117).

Rainer (1996) defende que o tratamento da polissemia dos nomes abstratos recebeu um novo impulso a partir da proposição de Paul (1880). Paul observa que é muito corrente nas línguas uma certa tendência concretizante. Isso se dá com os nomes de ação que desenvolvem frequentemente o sentido seja de um sujeito da ação seja de seu objeto.

Paul (1880; citado por Rainer, 1996) distingue objetos internos, isto é designações de resultado, como «gravura» ou «fissura»; e objetos externos, isto é, todos aqueles que são “tocados de uma maneira ou de outra pela ação”. Essa categoria dos objetos externos, segundo Paul, parece conter também as designações de lugar como *Durchgang* ‘passagem’ ou as designações de meio como *Kleidung* ‘roupas’. Essa classificação em termos meio-sintáticos (*sujeito, objeto*), meio-semânticos (*resultado, lugar, meio*) será retomada por grande número de pesquisadores posteriores, seja de modo idêntico, seja um pouco remanejada ou ampliada.

A POLISSEMIA DOS ABSTRATOS

O nome pode ser abstrato ou concreto dependendo do sentido que adquire a partir de certas combinatórias dentro de um determinado contexto. Em português, por exemplo, o nome «plantação» pode comportar-se como abstrato em: *A plantação de cana deixou muitos fazendeiros ricos, na década de 30*; e, como concreto em: *O fogo destruiu toda a plantação de cana do Sr. João, em vinte minutos*.

Collin (1918) resgata a proposição de Paul (1880) e a de Bréal (1897), no que tange à concretização de nomes abstratos. Para Rainer (1996, P. 118),

os estudos de Ermecke (1929) mostrarão que o fenômeno possuía uma extensão diferente segundo as línguas e as épocas: em latim, a tendência concretizante teria sido forte, da mesma maneira que nas línguas românicas, “principalmente em tempos remotos [...], quando o latim chegou aos ‘bárbaros’” e no fim da Idade Média, “período de concretização refreada”; entre as línguas germânicas, a tendência teria sido particularmente pronunciada em inglês. E Bally (1965) notará que o alemão recorre freqüentemente à derivação ou composição em situações em que o francês prefere a simples metonímia, observação que se encontra também em Lüdtke (1978).

Estudos contrastivos sobre esse ponto, incluindo, se possível, línguas não-européias, para Rainer (1996), estão entre os *desiderata* da pesquisa,

tanto quanto se sabe que outras extensões à primeira vista universais, como a dos nomes de agente transformados em nomes de instrumento, mostram consideráveis variações interlingüísticas. No estudo das línguas européias, seria preciso, seguramente, considerar os decalques, que são certamente mais freqüentes do que poderiam supor os dicionários (cf. Bally, 1909; Kroesch, 1930; apud Rainer, 1996).

Rainer entende que essa « quase-universalidade » da concretização dos abstratos necessita de uma explicação. Para tanto, recorre à pesquisa desenvolvida por Bahder (1880) que parte da hipótese de que o declínio da produtividade de um afixo e o obscurecimento da relação entre base e afixo favoreceriam a concretização dos abstratos formados com a ajuda desse afixo (cf. também Gamillscheg, 1921, 1924 e Meyer-Lubke, 1921).

Uma outra hipótese era de ordem psico-sociológica. Como se sabia que as variedades populares são geralmente menos ricas em nomes abstratos do que as variedades literárias, é no povo e em sua pretensa falta de capacidade de abstração que se acreditava encontrar o culpado (cf. Meyer-Lübke, 1894; Bréal, 1897; Glaser, 1921; Gamillscheg, 1925; apud Rainer, 1996). Rainer assegura que Ermecke (1929) chegou mesmo a estabelecer uma correlação negativa entre grau de civilização e tendência concretizante.

Segundo Rainer, a hipótese de uma origem elíptica das concretizações postulada por Krueger e Bergmann no começo do século foi rejeitada por Collin (1918), enquanto que Nagacevski (1951) a aceitava apenas para os casos semanticamente mais ou menos aberrantes.

Jaberg (1905, citado por Rainer (1996), notou, de passagem, que a concretização agentiva *comando* era provavelmente devida à procura de uma expressão impessoal (a função no lugar daquele que a detém). Essa mesma idéia se encontra também em Gamillscheg (1921), Meyer-Lübke (1921), Baldinger (1950), Nagacevski (1951) e Wellmann (1975). Em Gamillscheg (1951a), segundo Rainer « ela é mesmo estendida às extensões instrumentais do tipo *uma pinça*.

Rainer (1996) busca nas Teorias Associacionistas explicações científicas para o fenômeno em estudo. Nessa perspectiva, afirma que

Nos esforços de ultrapassar o estágio puramente classificatório para tornar-se uma ciência explicativa, a lingüística, ao fim do século XIX, pensou ter encontrado na psicologia uma ciência auxiliar válida. Essa última oferecia, entre outros, o conceito mágico de *associação*, que se empregava tanto para se referir a laços estáveis entre conceitos memorizados quanto para designar relações estabelecidas durante o ato de fala (cf. Hummer 1982). Esses dois sentidos, que, em geral, não eram deixados de lado, foram colocados a serviço da explicação da passagem do abstrato ao concreto (RAINER, 1996, p. 119).

A primeira versão estabelecia uma relação entre a concretização e as associações estáveis que partem dos verbos de base dos nomes de ação. Rainer entende que essa visão, provavelmente já estivesse implícita na proposta de Paul (1880) (cf. Lüdtke, 1978 apud Rainer, 1996), aparecia *in nuce* em Morgenroth (1893), mas foi Collin (1918), garante Rainer, que na obra muito apreciada em seu tempo, que a popularizou. “Na idéia principal de ação”, escreveu ele, “todas essas idéias [o sujeito, o lugar, etc.] entram como idéias secundárias, que são por associação facilmente evocadas no espírito”.

Para Rainer, Gamillscheg (1924) adotou essa hipótese com entusiasmo, mas ele foi mais longe, perguntando-se se não seria possível *predizer* a direção das concretizações com a ajuda da teoria associacionista. Sua resposta a essa questão, qualificada com razão de “essencial”, foi que é a ideia que se apresenta primeiro ao espírito ou, como dirá em 1951, a associação é mais forte. Ele pretendeu até mesmo o recurso à experiência psicológica para testar a hipótese, mas não a realizou, porque entendeu que essa hipótese permanecia essencialmente circular. Ruminada também por Ermecke (1929, apud Rainer (1996, p. 120), ela demorou a desaparecer da cena romanística, permanecendo até o início dos anos 50 (cf., p. ex., a posição cética de Nagacevschi (1951), também citado por Rainer), não porque ela fosse efetivamente falsa, mas porque o entusiasmo dos lingüistas por esse gênero de psicologia havia desaparecido (cf. Hummer, 1982, apud Rainer).

A segunda versão explorava as associações co-textuais e contextuais. Esboçada por Paul (1880), Jaberg (1905) e Nyrop (1913), ela foi mais

uma vez popularizada por Collin que, aliás, como afirma Rainer, atribuiu-a ao lingüista russo Pokrovski (1895) e à influência da teoria de J. Stöcklein (1894-1898) sobre o papel do contexto para as mudanças de sentido. Para Rainer (1996),

A transição seria devida, segundo Collin, “a associações de idéias favorecidas por expressões que se prestam a uma falsa interpretação” [116], atribuível, de acordo com a lógica, ao interlocutor. Assim, *ordenança* poderia ter sido interpretada falsamente como ‘portador de ordens’ (sentido hoje desusado) em uma frase como *Eu te enviarei um ordenança* [78].

Essa teoria contextual foi um sucesso notável até o começo dos anos 50 (cf. Galmillscheg (1925); Leumann, (1927); Szadrowsky (1933); Baldinger (1950); apud Rainer). Nagacevski (1951, apud Rainer), mais uma vez, mostrava-se cético, sem entretanto rejeitá-la completamente para os casos semanticamente aberrantes. Deixando de lado a dificuldade, reconhecida também por Collin (1918) e Galmillscheg (1951a), de identificar a expressão precisa que teria dado lugar ao mal entendido, ele se prende também à idéia implícita na teoria contextual segundo a qual a concretização dos abstratos seria um processo inconsciente, uma espécie de acidente, e não um ato de designação.

Rainer considera curioso o fato de as duas versões associacionistas terem sido defendidas essencialmente pelos mesmos pesquisadores, sem que estes pareçam ter tido consciência de sua irredutibilidade.

A DIREÇÃO DAS CONCRETIZAÇÕES É PREVISÍVEL?

Para Rainer (1996, p. 120), Galmillscheg (1921) avançou, entre outras, a hipótese segundo a qual a evolução dos derivados deverbais, e portanto também dos nomes de ação, depende estreitamente da significação dos verbos de base. Essa observação importante, que ele reformulará em termos associacionistas, em 1924, sob a influência da leitura de Collin (1918), foi retomada por muitos pesquisadores posteriores (cf. Ermecke (1929); Baldinger (1950), entre outros).

Em Lüdtke (1978), ela foi estendida também aos nomes de qualidade: “A significação [concreta] dessas palavras”, escreveu ele, “é condicionada pelo conteúdo lexical do adjetivo de base”. Isso é sem dúvida adequado em linhas gerais, mas não se deveria acreditar que a direção da concretização de um nome de qualidade seja previsível a partir apenas do sentido lexical. Se se quer chegar a uma imagem fiel das intuições dos locutores, é necessário distinguir vários sub-grupos semânticos que diferem notavelmente quanto a seu grau de produtividade (cf. Rainer, 1989, para o italiano).

O tipo pessoal *uma beleza*, p. ex., parece ser muito pouco produtivo: não se diria *Pedro é uma simpatia, uma generosidade*, etc. Essa afirmação de Rainer para o Italiano não se aplica à língua Portuguesa em que os falantes usariam tranquilamente tais expressões. Por outro lado, a extensão ‘qualidade’ > ‘acto’ é sincronicamente produtiva, mas mesmo aqui tem seus limites: se se pode aceitar *eu estou cheio de suas arrogâncias* (não usual segundo o Petit Robert) ao lado de *suas impertinências* ou *suas insolências*, as expressões análogas *suas altivezes, suas audácias, suas sem-cerimônias* ou *seus topetes* parecem nitidamente menos aceitáveis. Apenas o sentido lexical provavelmente não explica essas diferenças: parece, ao contrário, que as extensões semânticas têm, tanto quanto as regras de formação de palavras, restrições que precisam ser estudadas mais de perto.

De maior interesse nesse contexto, Rainer encontra observações como a de Lüdtke (1978) de que o objeto *indireto* parece nunca se realizar em nossas extensões semânticas. A mesma constatação é feita por Panagl (1986) para o alemão, que nota ainda a ausência do objeto direto *afetado*. Lacunas *sistemáticas* desse gênero mostram que não é verdade que qualquer associação possa dar lugar a uma extensão: os objetos indiretos e os objetos diretos afetados, no final das contas, fazem parte efetivamente da estrutura argumental dos verbos em questão.

REANÁLISE E ANALOGIA

A passagem do abstrato ao concreto é geralmente considerada como uma questão puramente semântica (cf. Meyer-Lübke (1890); Gamillscheg (1921); Wandruszka (1982); entre outros citados por Rainer, (1996).

Por outro lado, vários pesquisadores notaram que a frequência das diversas extensões podia variar segundo os afixos. Diez (1871), p. ex., já tinha observado que os abstratos romanos em -URA privilegiavam as extensões resultativas e que aqueles em -MENTUM se referiam mais frequentemente a um resultado abstrato ('estado') do que a um resultado concreto ('objeto'). Observações desse gênero não provam, entretanto, que as extensões estejam associadas a afixos particulares, de tal modo que não é mostrado que essas preferências sejam atribuíveis à significação das bases, pois os afixos podem estar sujeitos a restrições semânticas (cf. Baldinger, 1950).

Para Rainer (1996, p. 121),

Acontece, entretanto, que uma tal associação direta se produz na seqüência de uma reanálise que atribui ao próprio afixo o elemento semântico devido originalmente a uma extensão. Esse novo afixo pode se propagar por analogia e adquirir vida autônoma, independente do afixo homônimo do qual ele se originou. Os princípios de uma tal análise são difíceis de serem detectados, mas, visto que o número de neologismos sem abstrato correspondente é suficientemente grande para poder-se excluir o acaso, o ato de nascimento pode ser aceito. Para o alemão, os especialistas estão divididos em relação à questão de saber se os nomes de ação em -ung já permitem uma tal reanálise: segundo Fleischer-Barz 1992, certos nomes de instrumento como *Kuplung* 'embreagem' teriam sido criados segundo o modelo *direto* de outras palavras desse gênero, enquanto que Wellmann 1975, o estudo mais atento do nosso problema que eu conheço, não vê indícios bastante fortes para abandonar a hipótese-zero da existência de um único -ung abstrato: as concretizações formariam um sub-conjunto das formações abstratas e os neologismos seriam todos em princípio abstratos.

A história dos nomes de ação franceses nos fornece, por outro lado, alguns casos muito claros. O dos sufixos em -ação, -is e -ura é bem conhecido. Meyer-Lübke (1921), além disso, percebeu a possibilidade de que a extensão agentiva do tipo *a guarda* > *um guarda* dê lugar a um tipo agentivo independente, uma vez que um grande número das formações (do antigo francês) são sem abstrato posverbal

correspondente. A mesma interpretação se aplica, sem dúvida também, e pela mesma razão, às formações instrumentais como *espanador*, *furador*, *pinça*, *serra*, etc. (Rainer, 1996).

PARA (NÃO) CONCLUIR

Rainer (1996) registra que, nos últimos anos, o estudo da polissemia dos nomes abstratos tomou um novo impulso. Os *semantic for templets* de Bierwisch (1989, citado por Rainer) são, essencialmente, uma elaboração de concepções semântico-pragmáticas tradicionais. Grimshaw (1990) se esforça para demonstrar que existem dois tipos de nomes de acontecimento, os *complex event nominals* que teriam uma estrutura argumentativa e evenemencial como os verbos, e os outros, que não teriam essa propriedade. Entre esses últimos, colocam-se também as nominalizações resultativas. A possibilidade de uma leitura processiva e/ou resultativa seria especificada na entrada lexical de cada afixo, em outras palavras, mais ou menos arbitrária. Para Rainer, em Picallo (1991) e Borer (1992), enfim, «a distinção entre nominalizações processivas e nominalizações resultativas é reconduzida, de maneira pouco convincente, a uma distinção entre afixação sintática e afixação lexical».

Rainer (1996) levanta ainda o problema do lugar da polissemia dos abstratos na gramática. Defende que não lhe parece duvidoso que esse fenômeno seja de natureza essencialmente semântico-pragmática, como já o haviam suposto os primeiros pesquisadores, e não sintática. Poder-se-ia perguntar-se, além disso, adverte Rainer, se essas extensões não poderiam ser concebidas como regras de conversão, isto é, regras de formação de palavras (cf. Apresjan, 1974; Bierwisch, 1989). Têm-se o costume de alinhar a formação de palavras entre as mudanças semânticas que implicam uma transcategorização e/ou que têm derivações paralelas a afixo explícito. Como estas duas últimas delimitações não parecem recortar conjuntos linguisticamente pertinentes (cf. Rainer, 1993), Rainer se inclina a pensar que não há fronteira estanque entre semântica e formação de palavras. Um estudo contrastivo mais aprofundado das propriedades de regras de formação de palavras e extensões sinônimas é um outro dos numerosos *desiderata* de seu campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BAHDER, K. *Die verbalabstracta in den germanischen sprachen, ihrer bildung nach dargestellt*. Halle: Niemeyer, 1980.

BREAL, M. *Essai de sémantique*. Paris: Hachette, 1897.

CLARK, H. H. Word associations and linguistic theory. In: LYONS, J. (Org.). *New horizons in linguistics*. Middlesex: Penguin, 1970.

COLLIN, C. *Etude sur le développement de sens du suffixe -ata dans les langues roimanes, spécialement au point de vue français*. Lund: Lindstedt. 1918.

RAINER, F. La polysémie des noms abstraits: historique et état de la question. In: FLAUX, N.; GLATIGNY, M.; SAMAIN, D. (Éd.) *Les noms abstraits: histoire et théories*. Villeneuve: Presses Universitaires du Septentrion, 1996.

ROCHA, L. H. P. *Substantivos: fatores que favorecem a passagem do abstrato ao concreto*. São Paulo, Araraquara, 2003. Tese (Doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa). UNESP – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho.